



labirinto

*Elson de Oliveira*¹

lançaram-me aqui,
qual destempo de Teseu.

não,
não venha nenhuma Ariadne
a me retirar dos arranha-céus.

deixe-me na feira,
no parque, na alameda.

deixe-me nas ruas,
rotundas,
rotatórias,
círculos embaraçados.

quero o delírio dionisíaco
nos bares que são ilhas,
nos balcões de fim de tarde.

deixe-me ouvir
o vozerio eletrificado
dos alto-falantes,
gritantes, carentes.

permita-me fotografar
o espetáculo,
a procissão,
a chegada-partida
das formigas entorpecidas,
na mais-valia que menos vale.

deixe-me flunar
na praça da estação,
nos pórticos da matriz,
nos paralelepípedos
regularmente arranjados.

deixe-me capturar
o império da estampa,
das cores, da visão,
do flash, do pixel.

¹ E-mail para contato: elson.oliveira@yahoo.com.br.

deixe-me espiar o mercador
avante, adiante, ante...
nos eleva-dores do centro,
onde o tempo es-
corre
corre
corre
contra o deslucro,
em pontualidade britânica.

deixe-me testemunhar
os farrapos sob o viaduto,
lázarus,
às bordas condenados.

deixe-me aqui,
na passagem fluente
dos corpos,
líquidos;
e dos autos personificados,
falantes,
mas para sempre desalmados.

deixe-me perambular
sob o manto acinzentado.

os letreiros vivem,
os aromas convidam,
o frontispício convoca.

deixe-me pertencer
à horda cidadina,
ao labirinto de asfalto.

deixe-me vaguear
na noite dos insones,
baudelaires ruando a esmo.

o homem incomodado

*Loildo Teodoro Roseira*¹

Pedro é um senhor de 62 anos, casado, pai de família e bem-sucedido. Quem o conhece já o ouviu dizer, não poucas vezes, que seu êxito honra os esforços de seu bisavô na produção de açúcar em Pernambuco. Foi do espólio do velho patriarca que seu avô abriu um cartório em São Paulo, que seu pai expandiu e aprimorou e que ele agora eleva ao status de grande referência do ramo na cidade. Como aqueles antepassados, Pedro é autoridade de respeito. Em sua repartição, todos o acatam e consultam, certos de uma opinião sensata ou determinação segura. E o temem também. Não sem motivos. Ninguém é mais criterioso e exigente na avaliação de um trabalho ou conduta dos funcionários. “O velho tá vindo”; “deixa o velho ver isso!”, dizem, ao menor sinal de deslize de um colega. E ele vê. Uma planilha mal feita, um quadro torto na parede, uma mesa empoeirada; tudo cai na censura do burocrata, normalmente expressa num leve balançar de cabeça pros lados como num pêndulo. Entendem logo o gesto e tratam de se emendar, alinhar ou assear o que quer que seja. E é assim em dias bons; nos maus o escritório transpira a tensão de um exército sitiado. “Você viu a cara azeda dele?”; “hoje o homi tá o cão...”, comenta o estafe pelos corredores.

Mas a causa dos humores do “homi” não se revela a qualquer um. Esse é privilégio de Lídia, sua esposa, que ouve ao fim de cada dia um balanço de seus aborrecimentos. “Lídia, você viu?”; “Lídia, você acredita...?” Um escândalo político, uma infração no trânsito, uma bituca no chão, um fura-fila, uma roupa inadequada, um verbo mal conjugado; para tudo desfia um relato crítico a que sua mulher geralmente responde com um sorriso tímido e complacente como quem diz: “pois é...” Encorajado pela expressão de Lídia, persiste em seus protestos à solta. Ali, na mesa da cozinha, sua avaliação do que é e do que não é se prolonga do fim da tarde à noite e sobrevive às últimas linhas do jornal, a um bule de café e, há quem diga, à paciência da esposa. Ao fim ele conclui que os tempos estão mudados, que o homem é um animal desprezível ou que este país não tem jeito e propõe que se mudem pra algum lugar onde haja ordem. Inglaterra, Alemanha, ou Japão, talvez. Este é o único

¹ E-mail para contato: loildo@usp.br.